

N.º 1.

O CIDADÃO PHILANTROPO,

OU

**JORNAL POLITICO, LITERARIO,
E RECREATIVO.**

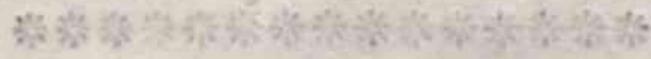
ABRIL DE 1836.

Redigido por João V. Alves

Os Senhores que pertenderem subscrever para este Jornal podem dirigir-se aos Redactores do mesmo, pelo correio de Braga, em carta franca de porte; na certeza de que a todo o tempo, que mandem a sua assignatura, lhe serão remettidos os N.ºs por inteiro, a contar do mez d'Abril, primeiro do anno do Jornal. Tambem se subscreve, e vendem N.ºs avulsos na mesma Cidade de Braga, em casa de Joaquim José de Lira, com loja de Livreiro, e Encadernador, rua do Souto, N.º 3.

*Preço da assignatura por anno..... 2\$400 rs.
Numeros avulsos..... \$240 rs.*

N. 1.



CIDADAD BUENOS AIRES

en

JORNAL POLITICO, LITERARIO,
E RECREATIVO.

ABRIL DE 1838

De Senhores que pretendem subscrever para este Journal
 podem dirigir-se aos Redactores do mesmo, pelo correio ou
 pessoalmente, em carta fechada de porte; ou lettera de porte e
 tanto, que mandem a sua correspondencia, em carta fechada e
 com o selo de porte, ao Sr. D. Manuel de S. J. Redactor do
 Journal. Tambem se subscreve, e tambem se vende, em
 sua Officina de Litania, em casa de Lourenco Jose de Lima, com
 loja de Livros e Estancardador, rua de Santa, N. 3.
 Preço da assinatura por anno..... 2\$ 400 rs.
 Direitos de venda..... 2\$ 100 rs.

Impressão de Lourenco Jose de Lima, em sua Officina de Litania,
 rua de Santa, N. 3.

O CIDADÃO PHILANTROPO,

ou

JORNAL POLITICO, LITERARIO, E RECREATIVO.

ABRIL DE 1836.

Puisse de nos malheurs le souvenir affreux
Exciter la pitié de nos derniers neveux,
Arracher a leurs yeux des larmes salutaires,
Et qu'ils n'imitent point les crimes de leurs peres.
Montj.

ARTIGO PRIMEIRO.

Politica.

O momento de resuscitar a liberdade, disse Tre-
ron no recinto d'Assembléa Nacional, he aquella em que
se restabelece a liberdade das opiniões. — A lisonja
he a lingoagem dos escravos. Cidadãos livres nós sere-
mos o órgão da verdade. A Nação Portugueza he di-
gna de escuta-la, e os seus representantes são capa-
zes d'attende-la. Fouchet pensava que o maior interesse
de qualquer Nação consistia em que o seu Governo
fosse immutavel « porque, diz elle, os laços que unem
» as partes do corpo social (obra de seculos) apenas
» podem tornar a tomar a sua primaria solidez, quando
» huma Revolução tem tido tempo de os dissolver. » (a)
Julgou-se, com tudo, necessario fazer marchar Portu-
gal em linha com o espirito do seculo, e homens bene-
meritos da Patria se propuzerão em 1820 encaminhar a

(a) Carta do Duque d'Otranto a Lord Welington.

náo do Estado pela carreira da liberdade. Muitos erros existião, muitos abusos, muitos prejuizos: huma reforma era necessaria. Todas as Instituições sociaes envelhecem com os seculos: o seu destino final he de cahirem, e convinha precaver que as nossas não nos esmagassem na queda.

As tentativas dos Reformadores forão heroicas; porém ellas tem feito derramar o sangue, tem exigido victimas. O principio das tormentas politicas he sempre a obra, e a consequencia dos calculos d'alguns individuos: o resto he levado pelo turbilhão. Lançou-se a primeira pedra no edificio magestoso da liberdade, e desde então, quasi até hoje, tem huma guerra de partidos dilacerado os seios da Patria. Temos luctado com o erro, com o prejuizo, com a ignorancia: triunfamos por fim, e conseguimos accender o facho da liberdade, porém tambem o da discordia: preciso he extinguir o ultimo: preciso he obrigar os vencidos a confessar que não só nós os vencemos, mas que deviamos vence-los. As conquistas da demencia são superiores ás do valor.

Forcejêmos por acalmar os sentimentos hostis; moderar as paixões, ainda dos homens mais violentos; submeter cada um a seus deveres; chamar todos os partidos á submissão, ao sacrificio de suas idéas exageradas, á ordem. « Para conquistar, diz Volney, huma » só arte he sufficiente, a arte da guerra, e por seu » fim tanto como por seus meios ella deve antes ser » a partilha do salvagem do que do homem civilisa- » do; » (a) porém saber aproveitar-se da conquista em favor da humanidade he o verdadeiro acto da sabedoria. A victoria não justifica os abusos do poder.

Portugal offerece hum quadro de desolação, e de miseria, que se deve attribuir, em parte, á violencia, ou ao golpe extemporaneo das reformas. Sete seculos de Monarchia absoluta havião acostumado os Portuguezes se não á escravidão, ao menos ao servilismo. Ape-

(a) Volney Conc. sur la Guer. des Turks pag. 390.

nas huma parte limitadissima da Nação se devia considerar sufficientemente illuminada: o resto achava-se ainda submergido nas trevas d'ignorancia, que escorecêrão o seculo undecimo. Pertendeu-se arranca-la rapidamente d'este estado d'abatimento para o goso pleno de todos os direitos sociaes, e a experiencia tem sido dolorosa. He preciso que huns pulsos habituados a suportar cadêas se acostumem gradualmente a fazer uso da liberdade, como se acostumão olhos enfermos a receber os rayos da luz. « Nos corpos politicos assim como » nos phisicos, diz o referido Volney, toda a mudança rapida he perigosa. » (a) Nós temos abalado os alicerces do edificio social; temos anniquilado pela raiz instituições de veneração, e de respeito sobre as quaes havia atravessado a rapida carreira dos annos; temos assustado os Povos com innovações inexperadas; temos, finalmente, ávidos do goso do presente, intentado collocar-nos, como por assalto, a par das Nações mais cultas da Europa. As corporações Religiosas forão extinctas: ellas o devião ser; porque desde muito se reconhece, na Europa, a inutilidade de plantas parasytas n'hum Estado; porém nós ignoramos se convinha que hum só e unico golpe se lhe descarregasse sobre o tronco. Julgou-se que o momento das reformas devêra ser o dos combates: o instante era opportuno; porém aquelle acto violento, que talvez haja de considerar-se como hum rasgo de politica, nunca o será d'humanidade. Extinguirão-se os dizimos, e, esta contribuição era injusta, (nós o confessamos) porque pezava exclusivamente sobre a classe agricultora, porém quem resuscitará dos seios da miseria esse numero incalculavel de familias, que d'alli recebia seu sustento? Quem alimentará o Parocho desconhecido das Aldêas, o alto clero das Cidades? Quem indemnizará os lesados na prejudição de seus direitos? Quem, finalmente, restituirá nossas finanças ao estado de opulencia, e de riqueza, em que, por

(a) Volney *Concid. sur la Guer. des Turks* pag. 372.

meio dos dizimos, ellas existirão tantos seculos? Não recearemos de dize-lo, fizeram-se muitos descontentes; chocárão-se os interesses de muitos; excitárão-se desgostos, e «quando em hum Estado, diz Mr. Monty, » existem muitos descontentes, aquelle ou aquelles, » que o governão, devem recear, a cada instante, algum accidente funesto.» (a) Por huma outra disposição legislativa, não menos anti-politica do que a precedente, se arrebatárão aos senhorios de terras emphiteuticas direitos, que elles consideravão como legitima herança de seus antepassados, ou própria aquisição de boa fé. Sem augmentar, com a porção limitadissima do fòro, as fortunas dos Colonos, prejudicárão-se gravemente, pela somma dos desfalques, os réditos dos Senhorios. Queixão-se estes lesados na propriedade, e nos interesses; porém aquelles desagradecidos, e rusticos, nem sabem nem desejão abençoar a mão bemfeitora, que os affaga. Hoje se projecta, na Camara de nossos Representantes electivos, extender huma linha de separação eterna entre os vencedores, e os vencidos: medita-se o plano anti-politico de votar para sempre a huma completa nullidade de direitos sociaes, quando menos, hum terço dos habitantes d'este Reino. Figuremos, por hum momento, realisado tal plano, e encaremos, se he possivel, suas consequencias desastrosas. Quantos Cidadãos illustres desvairados pelo erro, mas que poderião ainda ser chamados á virtude, compellidos pela lei a sepultar-se no abismo! Quantas familias desgostosas! Quantos membros desunidos, e desunidos para sempre, de todo o resto do corpo social!... Huma parte da Nação tem podido ser desencaminhada; porém será, por ventura, a perseguição, e o extermiuio, quem deve apontar-lhe novamente a estrada dos deveres? Nós podemos vexar, podemos opprimir os sequazes d'hum partido, que se arvorou em nosso antagonista; porém se não ha limites como haverá descanso depois da confusão?

(a) Montjoie. Hist. de la Consp. de Robsp. T. 1, pag. 52.

« Se a multidão, diz Mr. Fouchet, receber o conselho da discordia d'aquelles, que devem dar-lhe o exemplo da harmonia só resta a esperar que, bem de pressa, a vejamos derrubar todas as barreiras, que existem entre ella, e os crimes. » (a) Tal he o modo de pensar d'hum dos primeiros politicos da França, aquelle que mereceu a estima, e as considerações de Napoleão: ouçamos agora o mesmo Napoleão. « Opprimir aquelles, que a sorte collocou debaixo de nosso poder, e que, por conseguinte, não podem resistir, he prova evidente de baixeza de character. » (b) Assim falta o heroe de muitos seculos sobre o rochedo de Santa Elêna: escutemos sua voz; e emendemos nossos erros. Convém que o crime se separe da virtude; porém não convém que se imprima o ferrete da ignominia sobre a face de nossos Concidadãos: castigue a Lei o criminoso isolado, mas não peze sobre o todo, porque péde esmagar o innocente. Convém que se reforme, porque os abusos são immensos, e nós não accusaremos, em these, d'injustas, nem d'anti-politicas as reformas; porém necessita-se faze-lo com madureza, e com prudencia: deve respeitar-se a propriedade; consultar o bem geral; ou indemnisar previamente, ou não lesar. « As revoluções moraes dos Imperios, diz Volney, não podem ser repentinas; he preciso tempo para transmittir movimentos novos aos braços distantes d'hum Estado. O character d'hum boa administração não he tanto de muito adiantar, como de adiantar com maduresa, e segurança » (c).

A sciencia que ensina a regular os destinos de milhares de Cidadãos he a mais importante assim como a mais difficil de todas as sciencias: só he concedida a hum pequeno numero d'espiritos.

Muito se tem, na verdade, intentado reformar em

(a) Carta do Duque d'Otranto a Lord Welington.

(b) Jornal de Santa Elena, T. 2. pag. 117.

(c) Volney. Concider. sur la Guer. des Turks. pag. 392.

pouco tempo. Muito se tem legislado em favor dos vencedores ; pouco em favor do bem geral ; nada em favor dos vencidos. Se huma ou outra lei tem apparecido, que pareça consultar os interesses d'estes ultimos, sua pratica se torna complicada, difficil, e finalmente inexecuavel. Nem tudo vai bem com hum comportamento hypócrito : ganha-se a confiança dos homens somente com a rectidão ; ella he tão necessaria para o exercicio dos direitos, como para o cumprimento dos deveres. Nós não somos o orgão do partido supplantado : huma distancia infinita nos separa, a distancia das opiniões, e das ideias ; porém a desgraça he hum objecto, que internece, e o interesse primario da Familia Portugueza consiste em que ella não seja dividida. » Toda a Republica dividida em muitos partidos, diz » Montjoie, não tem nem ordem nem felicidade a es- » perar. » (a) Se ella se governa mais pela influencia d'aquelles do que pelo vigor de suas leis está necessariamente em hum continuo estado de divisão. O partido, que chega a prevalecer não póde defender-se a si proprio dos germens de discordia, que elle mesmo se creou para supplantar o seu adversario. Aproveitemonos, se he possivel, das lições do tempo, e da historia : reconheçamos, em fim, nossos interesses : abraçemos com animo sincero o partido da harmonia, o da concordia : ella será o esteio mais seguro do sistema, que felizmente nos governa. Nós sômos livres, e o amor da liberdade está ja de sobejo derramado pelos corações dos Portuguezes, mas convém sêrmos unidos ; porque nem toda a Europa he livre como nós. Os Colossos do Norte lanção vistas de indignação, e de desprezo sobre os habitantes do meio-dia. Inglaterra nutre-se em nossas discordias intestinas. » Seu Territorio, diz o Manusc. de St.^a Ele. he já hoje mui pequeno para a sua população, por isso he-lhe preciso viver do monopolio das quatro partes do Mundo. »

(a) Montj. Hist. de la Consp. de Robs. T. 1. pag. 54.

O Gabinete de S. James he o Minotauro da Fabula, que exige em sacrificio o mais precioso das Nações. França lucha com sigo mesma: procura encadear muitos partidos; sopear muitas paixões; combinar muitos interesses. A sua posição he critica, a sua politica difficil. Nós ignoramos, e não nos peja confessa-lo, qual seja a marcha verdadeira, que sinceramente dezeja seguir o Gabinete das Tulherias. A Hespanha he dilacerada em seu proprio seio por uma guerra d'atrocidade, e de vingança: suas consequencias podem ser terribes: magôa-nos dize-lo, porém exemplos inauditos de ferocidade, de horror commettidos n'aquelle Territorio pelos sequazes d'ambos os partidos, e que talvez farião extremecer os Anthropofagos do mar do Sul, ou os Canibaes d'America, provão de sobejo que o espirito da verdadeira liberdade está ainda mui distante do coração dos Hespanhoes. Nós somos seus alliados, seus visinhos; temos de partilhar com elles a sorte, que os espera n'essa lucha carniceira: cumpre-nos, não menos por interesse possoal, que por dever dos ultimos tractados coadjuvar os seus exforços; porém como executa-lo sem primeiro grangear todas as vontades Portuguezas? Para haver de consegui-lo precizo he attender, consultar em massa os interesses da Nação; escutar as vozes, as queixas de todos os partidos; fallar huma lingoagem universal. Nós diremos quaes são estes partidos; quaes são os seus interesses; quaes as suas vistas; qual a sua força, ou a sua fraqueza; em fim, o que d'elles se deve esperar, ou recear, e o que convém negar-lhes ou conceder-lhes. Hiremos tambem successivamente analisando, em cada hum dos Numeros d'este Jornal, os diversos artigos de Legislação novissima, que, ou por sua promulgação extemporanea, ou por seu pezo na balança dos interesses, se tornarem mais dignos d'huma reflexão minuciosa. De futuro apontaremos os erros em que a nossa Administração possa cahir, sem que tenhamos, em sentido algum, contemplação ás pessoas, que d'ella forem membros; e, certos de

que por meio da opinião pública, ingrediente inteiramente novo na ordem social, se regula hoje a marcha dos Estados tanto como pelas mesmas disposições dimanadas do poder, nós não cessaremos hum só momento de procurar, por todos os meios possiveis, encaminha-la ao bem commum da nossa Patria. De continuo clamaremos pela — Justiça — pela Ordem — pela União — pela Liberdade. — Sem que todas estas mólas do corpo social sejam outra vez restituídas ao seu vigor primario não existirá esperança alguma de prosperidade nacional, nenhuma idéa de Governo, nenhuma sombra de Nação! Possa, ao menos huma vez, o grito da razão, e da verdade surgir d'entre os seios do abismo!!!



ARTIGO SEGUNDO.

Literatura.

A MODERNA ROMA, E SUAS VISINHANÇAS.

Carta de Mr. F. A. de Chateaubriand a Mr. Fontanes.

Agora, meu bom amigo, chego de Napoles, e vos trago alguns fructos da minha viagem, a que de certo tendes direito: — algumas folhas de louro do tumulo de Virgilio. « Tenet nunc » Parthenope? Ha já muito tempo que eu vos deveria ter fallado d'esta terra classica, digna de interessar hum espirito como o vosso; mas diversas cousas me tem embaraçado. Com tudo não quero sahir de Roma sem vos dizer alguma cousa d'esta Terra famosa. Como prometti de escrever-vos sem ligação é ao acaso tudo que eu pensasse ácerca da Italia; bem como já em outro tempo vos noticiei o que sentia o meu coração ao pisar as solidões do novo-mundo, vou agora sem mais preambulo dar-vos huma idéa geral de Roma, isto he, de suas campinas, e suas Ruinas. Vós, meu bom amigo, já tendes lido tudo quanto se tem escripto a este respeito; mas eu não sei se os viajantes vos tem dado huma idéa bem

exacta do quadro, que apresenta a Campanha de Roma. Figurai-vos alguma cousa d'essa desolação de Tyro, e de Babylonia, de que falla a Escriptura: — hum silencio e huma solidão tão vastos como o barulho e o tumulto dos homens, que outr' hora habitavão este terreno. Parece que ainda estamos ouvindo essa maldição do Profeta « *Venient tibi duo hæc subito in die una sterilitas et viduitas.* » Descobrem-se aqui e alli ainda alguns restos d'estradas Romanas em sitios por onde ninguém passa, alguns signaes de torrentes do inverno já secas, e que vistas de longe parecem grandes estradas frequentadas, mas que na realidade não são mais do que o alveo de huma tempestuosa torrente que passou como o Povo Romano. Apenas se divizão algumas arvores; e só por toda a parte os olhos encontrão ruinas d'aqueductos, e tumulos, que parecem serem os unicos bosques e plantas indigenas d'huma terra, composta das cinzas dos mortos e das ruinas dos Imperios. Muitas vezes olhando para huma extensa planicie eu cuidava que divisava ricas searas, mas chegando-me mais perto não descobria se não ervas secas e mirradas que tinhão enganado meus olhos; e só debaixo d'esta summa esterilidade huma vez ou outra se distinguem vestigios de huma antiga cultura. Não se vêem nem passaros, nem lavradores, nem Aldéas, nem se ouvem os balidos dos rebanhos. Hum pequeno numero de casaes desmantelados apenas apparecem sobre a nudez dos campos, mas tem as portas e janellas fechadas, e d'alli não sahem nem fumo, nem estrondo, nem habitantes: huma especie de selvagem, quasi nu, desfigurado pela febre unicamente guarda essas tristes choupanas, á maneira d'esses espectros que, segundo lemos em nossas historias Gothicas, guardavão as portas dos Palacios desertos. Em fim parece que nenhuma Nação ousou entrar na herança dos Senhores do Mundo dentro de sua terra natal, pois que vemos agora estes campos taes como provavelmente os deixou a charrua de Cincinato, ou a ultima charrua Romana.

E he no centro d'este terreno inculto, que se eleva a sombra da Eterna Cidade! Descahida do seu poder terrestre parece que tem o orgulho de viver solitaria, porque se desvia das outras Cidades da Terra: como uma Rainha, que perdeu o throno, quiz nobremente occultar sua desgraça no seio da solidão.

He impossivel pintar-vos o que se sente quando se ve Roma nõ meio d'estes Reinos vãos — *inania regna* — e nos dá a entender que se levanta de proposito do tumulto em que jaz só para nos apparecer. Figurai-vos essa perturbação, e esse pasmo que sentião os Profetas quando Deos lhes dava a visão d'algu- ma Cidade, á qual tinha ligado os destinos do seu Po- vo: *quasi aspectus splendoris*. A multidão de lembranças, a abundancia de sentimentos suffocão, por assim dizer, a alma do espectador, e seu espirito fica comple- tamente agitado ao ver essa Roma, que por duas ve- zes herdou as riquezas do Mundo, como herdeira de Saturno e de Jacob. Mas depois d'esta descripção, tal- vez cuideis, meu caro amigo, que não ha nada mais horrivel do que as Campinas Romanas? Não he assim: ellas apresentam huma magnifica grandeza; e ao vê-las sempre nos excitão a clamar com Virgilio

*Salve magna parens frugum, Saturnia tellus,
Magna virum!*

Se as consideraes como economista certamente vos desagradão; mas se as examinaes como artista, como poeta, ou ainda mesmo como philosopho, então deseja- reis que nunca fossem d'outra sorte. O aspecto d'hum campo de Trigo, ou d'huma encosta de vinhas nunca produzirão na vossa alma tão profundas commoções co- mo a vista d'esta terra, que não está alterada pela cul- tura moderna, e que se conserva, por assim dizer, tão antiga como as ruinas que a cobrem.

Não ha cousa tão bella como as linhas do horison- te Romano, como a inclinação das suas montanhas, e as formas elegantes e progressivamente inclinadas, que as terminão.

(Continuar-se-ha em o N.º seguinte.)

Elenco das guerras civis de Portugal pela ordem dos Reinados. (a)

Principios da Monarchia.

Bandeados, logo em principio da Monarchia, alguns cavalleiros Portuguezes a favor da Rainha D. Thareja, que, durante a minoridade de seu filho D. Affonso Henriques, havia conservado a Regencia d'estes Reinos, intentarão elles de mante-la em sua posse quando o tempo foi chegado de depositar em mãos do filho as redeas do Governo, e porque de parte e parte a desintelligencia se augmentasse, e a pertinacia da Rainha não diminuisse, houve o mesmo Senhor de peleja-la junto á Villa de Guimarães aonde a venceu e fez prisioneira.

Reinado de D. Affonso 2.º

Por motivo das dotações, que El Rei D. Sancho 1.º fizera a suas duas filhas D. Thareja, e D. Sancha, e que o Irmão d'estas D. Affonso 2.º não queria haver por valiosas, teve este de pelejar suas Irmãs com duro encarniçamento, occasionando d'esta sorte prolongadas dissensões em nossos Reinos.

O mesmo Reinado.

Grave dissensão intestina.

Desgostoso o Arcebispo de Braga de que D. Af-

(a) Porque a algum menos instruido, ou menos lido na historia do passado não hajão de servir de espanto, como novos, os ultimos successos d'este Reino, que desunindo as vontades Portuguezas, tem perturbado o socego interior da Monarchia, nós julgamos a proposito transcrever em o Numero 1.º e seguintes d'este Jornal hum abreviadissimo resumo, ou antes simples cathalogo de todas as guerras civis, e dissensões intestinas mais notavais, que, desde os seculos primeiros da Monarchia, tem feito correr o sangue Portuguez ás mãos fratrecidas de seus Concidadãos, por certo digno só de derramar-se contra inimigos communs da nossa Patria.

fonso 2.^o exigisse do Cléro Portuguez certo genero de contribuição para a manutenção da guerra contra os Infieis lhe maquinou aquelle da parte do mesmo Clero, e Nobreza do Reino consideraveis sublevações, excitando huma guerra, que durou até á morte do Principe.

Reinado de D. Sancho 2.^o

Em tempo d'El Rei D. Sancho 2.^o continuárão ainda no Reino as discordias, e perturbações internas á conta das dotações, que El Rei D. Sancho 1.^o havia feito ás Princezas D. Sancha, e D. Thareja.

Regencia de D. Affonso 3.^o

Deposto do Throno El Rei D. Sancho 2.^o por Bulla do Papa Innocencio 3.^o em 1245, houve depois guerra com seu Irmão o Regente D. Affonso á conta do Governo do Reino, sendo n'esta infructuosa empreza soccorrido pelas forças de Castella.

Reinado de D. Diniz.

Durante este Reinado, e, pouco mais ou menos, pelos annos de 1287 ou 1288, guerreou El-Rei D. Diniz a seu Irmão o Infante D. Affonso com o fim de usurpar-lhe as Terras da Fronteira, que seu Pai lhe doára; sendo que nem só este motivo animoseava na contenda o mesmo D. Affonso, por quanto elle se suppunha com direito á Corôa de Portugal preferivel áquelle de seu Irmão D. Diniz, em consequencia de haver nascido posteriormente á morte da primeira Esposa de seu Pai, e não se julgar por conseguinte em condição de filho adulterino.

O mesmo Reinado.

Nova guerra civil.

O Infante D. Affonso, depois Rei de Portugal, col-

locado á frente dos descontentes do Governo de seu Pai El-Rei D. Diniz, e levado talvez de sua indole naturalmente pouco inclinada á mansidão, levantou contra este hum partido numeroso, que, por alguns tempos, e bem dolorosamente, perturbou o socego do Reino.

Reinado de D. Affonso 4.º

A morte da infeliz Rainha D. Ignez de Castro deu principio em Portugal a todos os horrores d'huma guerra civil, promovida pelo Principe D. Pedro contra seu Pai D. Affonso 4.º, a qual com tudo feneceu em seu começo por intervenção da Rainha Santa Izabel.

Interregno.

Por morte de El-Rei D. Fernando, o formoso, occasionou a ambição do Mestre d'Aviz, depois Rei D. João 1.º huma guerra civil assaz devastadora, em que se achavão divididos os Povos d'este Reino d'hum lado pelo partido de D. Beatriz filha de El-Rei D. Fernando, Rainha a esse tempo do Reino de Castella, e d'outro lado pelo dito D. João Mestre d'Aviz, que depois veio a succeder na Corôa.

Reinado de D. João 1.º

El-Rei D. João 1.º que fora aclamado Rei pelas Côrtes de Coimbra celebradas em o anno de 1385 houve, pouco mais ou menos por este tempo, de juntar no Porto as suas forças para oppor áquellas do Infante D. Diniz filho da Rainha D. Ignez de Castro, o qual aspirava á Corôa de Portugal por direito de successão, e supposto que a retirada do Infante para Castella obviou logo em seu principio ás consequencias d'huma guerra de partidos, envolveu, com tudo, o Infante em sua revolta muitos Fidalgos Portuguezes, a quem D. João tachou de rebeldes.

Minoridade de D. Affonso 5.º

Pouco mais ou menos pelos annos de 1439, e em consequencia da morte d'El-Rei D. Duarte, succedida em 1438, se partilhárão as opiniões dos Fidalgos Portuguezes ácerca da escolha de pessoa, a quem confiar a Regencia do Reino durante a minoridade d'El-Rei D. Affonso 5.º O Conde de Barcellos seguindo o partido da Rainha D. Leonor se apoderou de Guimarães, e n'esta Villa se fez forte; porèm D. Pedro, Regente pelas Côrtes de Coimbra, levando em sua companhia o Conde d'Orem, seu Sobrinho, e filho do de Barcellos, o foi alli encontrar, e, por intervenção d'aquelle, se terminou, por esta occasião, a contenda principiada entre os Regentes.

Reinado de D. Affonso 5.º

O Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, havendo deposto nas mãos do seu Sobrinho, El-Rei D. Affonso 5.º, a Regencia do Reino, que conservára até á maioridade d'este Principe, foi com tudo, por alguns mal intencionados, accusado d'aspirar a conserva-la, e porque viesse em caminho de Lisboa a desculpar-se perante o Soberano com 500 homens de pé, e 1:000 de cavallo, foi por este declarado Rebelde, e, atacado pelas forças do Rei morreu pelejando.

(Continuar-se-ha no N.º seguinte.)

ARTIGO TERCEIRO.

*Poesia.**Discurso preliminar.*

Desde os tempos mais remotos da antiguidade, sempre a Poesia tem podido grangear as considerações, o amor, e finalmente os respeitos de todos os Povos conhecidos. Pintando o quadro da bella natureza com hum estilo harmonico, e deleitoso, foi esta arte sublime quem principiou a tornar doces os costumes dos primeiros homens endurecidos, e selvagens.

Sylvestres homines sacer, interpresque Deorum
Cœdibus, et victu fœdo deterruit Orpheus.

Hor. Ar. Poe. v. 392.

Gravando-lhe mais facilmente na memoria as Leis primeiras de seus Legisladores, ella conseguiu civilizal-os. Creou os Simideuzes, e os Semideuzes creárão os Heroes ; porque a emulação dos altos feitos excita naturalmente o desejo d'imital-os. Civilizados os costumes empenhou-se em corrigi-los : creou a Sátira, creou a Comedia, e foi com ellas, sem que apontasse o vicioso, ferir com tudo o seio do vicio. Para enfeitiçar o amor deu origem aos Idilios, ás Eglogas, ás Canções Pastorís ; e quando mais nobre, e mais sublime se destinou a si propria altos assumptos, produziu então a Epopeia, e a Tragedia por meio das quaes celebrisou grandes virtudes, ou enegreceu a grandes crimes.

Em fim, a Poesia he a mais bella assim como a mais antiga de todas as artes : o Poeta he o homem da natureza, e aquelle que procura desprezal-o, ou envilece-lo prova que deseja imprimir na propria face o ferrete da ignorancia, e mesquinhez.

ODE. (a)

*Recitada pelo insigne Poeta J. Evangelista no dia 13
de Junho de 1814.*

» Soldados: huma affronta vingar cumpre.
 A's Herculeas balizas
 » Hide; venci: no fundo do Oceano
 O Leopardo expire. »
 Assim a Fera sobre a c'roa erguida
 D'altaneiro rochedo
 O ronco desatára, que nos montes
 Nos valles ind'echôa:
 Aquella Fera, que no Stygio Golfão,
 Qual sorvedora tromba
 Des-scdentando o bojo, o bojo inchára
 D'esqualida peçonha:
 Fera nefanda, a cuja horrenda vista
 Enoitados os ares,
 Murcho o talento, resequido o ingenho,
 N'hum momento se torna
 Dos sabios a Nação, Nação de brutos.
 Insana! e que projectas!
 A que audazes destinos te abalança
 A desbocada furia!
 Contra que brios alardear teus brios!
 Que! remontou pujante
 Em vôo afurtunado Aguia tremenda,
 E das possantes guias

(a) Esta Ode, producção do incomparavel Poeta João Evangelista, foi já mandada imprimir pelo Ill.^{mo} Antonio Fernando Pereira Pinto d'Araujo em o anno de 1814; com tudo por nos constar o pouco que ella se tem vulgarisado, porque a maior parte dos exemplares impressos existem ainda em poder dos Redactores, nos pareceu inseri-la em o nosso Jornal, convencidos de que o público intelligente se dará por satisfeito com o tempo que empregar n'esta leitura. De futuro promettemos transcrever em os N.^{os} seguintes, mais algumas producções do mesmo A. ainda não impressas.

Já sobre o Oder, o Caudal Danubio
 Torrentes, e torrentes
 D'horror, d'estragos, de ruinas, mortes
 Despeja, atira, espalha? . . .
 Mas o Ibéro Leão flami-spirante
 Que por cem bocas ruge?
 Mas o Tamiza que empolado em gloria
 Triunfos mil trasborda?
 E as mimosas do Céu, e prenda sua
 Sempre adorandas Quinas!
 As Lusas Quinas! . . . acabaste oh monstro
 Agora sim a morte
 Aquella voraz vai engasgar-te.
 Para a antarctica Zona
 Passo, que moves, hé degráo, que range,
 Que no teu throno estala.
 Punhal, que amólas, contra ti o amólas.
 A que soltas faisca
 Vai de Lysia no Céu girar tão viva
 Que as nuvens huma a huma
 Electrizando intensa, incendios, raios
 Ergue a milhões, e todos
 De roldão em teus membros esbarrondã
 Onde, que não te ampára
 Essa esguia politica assombrosa
 Tão tua, onde demóra!
 Com Lusos barulhar tuas phalanges
 Teus pérfidos systemas!
 O Luso peito no valor, na honra
 He peito de diamante
 He rocha donde o mar ao mar recúa,
 Torre que as balas cospe
 Sacrario de primor de lealdade
 Thesouro de nobreza
 Por si, pelo seu Rei, pelo seu Templo.
 Se nos sertões da Lybia
 Torrar o rosto, o coração releva;
 Se ressuadas palmas

Convexos promontorios cavalgando,
Com a espada na boca,
A braços com as ondas, com os ventos
Encrespados, revoltos
Cumpre colher no Euphrates, Indo, ou Ganges;
Se ao trilhado hemispherio
Outro novo soldar demanda a gloria;
Cada Luso he Menezes,
He Almeida, he Cabral, he Castro, he Gama
E cada Gama, ou Castro
He Batalhão, que batalhões descoze
Eis d'Ullisséa ás portas
Já com horrida cauda açoitação aguias
Impando de soberba.
Despojados no Campo refulgurão
Os Arsenaes do Sena.
Furia, que n'huma mão veneno esconde,
Ouro n'outra alardéa,
Que ora iniqua sómente esparze a furto,
Ora des-suspeitosa
N'hum mar d'enganos subtil rede alastra,
Em frente rompe a marcha,
E a estrada apalpa ás aguerridas hostes.
O Lusitano Estadio
Tão basta aluvião suster mal póde.
Coalhadas as Campinas
Messes ondeão d'implumadas frontes.
Ah! como que nos fados
Agouro, oh Lysia, assustador ressumbra!...
Não, que os fados já fôrça
Fôrça a Victoria submeter-lhe as palmas
O Brazão do Heroismo,
Gentil flor d'Albião do mundo assombro,
Whelesley o Grande,
D'esperanças sem termo c'roa, e baze.
De Bellona os Arcanos
Abre de par em par, volve, e revolve.
Nos Orbes de Mavorte

Novo Newton descobre força nova.;
 Por seu punho brandido
 O calculado raio jámais falsa.
 « Portuguezes ao Campo »
 Exclama trovejando ei-los em briga.
 Não já medonhos fossos,
 Não já bronzear muralhas abarrearão
 Hombro por hombro os Lusos
 Travão d'envolta c'os heroes da Gallia,
 Travão, e logo oppostas
 Massas enormes, bem cerradas, firmes,
 Ao recontro primeiro
 Claro espaçoso aqui, alli abrindo
 Em tremulo balanço
 Desajudadas dão de golpe em terra:
 E naufragadas taboas
 Boiando á conta d'alterozas ondas
 Ou sem tino divagão,
 Ou na furia d'hum vortice em rochedos
 Vão ao meio lascar-se.
 Aguias que fito a fito o sol encárão
 Das Portuguezas Quinas
 Ao celeste clarão os olhos tapão
 Azas encolhem, fogem.
 A espaços largos folegos cobrando
 Reabrem rombas unhas;
 Mas da vingança o inexoravel Numen
 Espanca tempestêa,
 Nem toma alento até que de Pyrene
 Galgado o excelso cume
 Ferrando com tenaz affinco a hydra
 Por tres vezes rodada,
 Tão despachado a atira á derradeira
 Que sibilante séta,
 Arco immenso lavrando pelos ares
 Com troante fracasso
 Sobre as margens do Adour em pó, em cinza
 Vai resaltar desfeita.

Hum ai retumba já de desafogo
Em Lysia, Iberia, Europa.
No peito o coração se amplia, expande.
Foragidos prazeres
D'entre as sombras do tumulto resurgem.
Embalsamado, e puro
Novo horizonte d'esplendor se enfeita,
Novo Céu, na Terra,
Parabens a razão presta á Justiça
Esta a razão gratula.
He comnosco a virtude E'poca santa!
O Homem já he Homem,
A Nação he Nação, ha Throno, ha Templo
E'poca santa! Salve.
Que em breve os planos teus se desmalhárão
Feroz Tartareo Tigre!
Olha o quadro immortal, que a Gloria mesmo
Por suas mãos nos pinta!
Olha o ferrete de vergonha eterna
Que em teu nome se crava!
Olha milhões de seculos vindouros
Sobre ti debruçados
O fel da execração verter em rios
E que pensavas! Lysia!
Lysia só cahe se os mesmos Ceos cahirem.
D'ouro eterna cadêa
Em Ourique prendeu da Terra aos Astros
O Lusitano Throno.
Se quebrarem do Mundo os Pólos ambos
Suspensa Lysia sóbe,
E cercada de soes aos pés d'Affonso
Vai brilhar entre os Numes.

Por J. Evang.

Ao Illm.º e Exm.º Sr. Duque da Terceira

ODE.

Roma d'entre seus louros verá chéa
D'assombro respeitoso
Que tambem Scipiões conta Ullissea.

Elp. Non. Ode 1. Anth. 2.

Templos não êrgo não consagro altares
Da vil lisonja ao Idolo profano,
Nem torpe adulação recebe incenso
Do genio que m'inspira;

Mas em Lyra Phebéa desejava
Fazer patente ás gerações vindouras
Esse portento de valor d'ingenho,
O Inclito Terceira.

Em longo exilio, sobranceiro aos fados,
Serêno o encaró; Socrates moderno
C'os amigos discorre, e não se abate
No seio dos desastres.

Turba d'escravos, que Ullisséa envia
Roubar-lhe o azylo de pequena rocha
Sem'engolida em ondas do Oceano,
Decépa sua espada:

Dos Céos de Marte estrella luminosa
Onde os passos conduz, conduz victorias;
Agora Capitão, Soldado agora
Já manda, já peleja.

Depois se apresta, rica d'esperanças,
 Armada prenhe de soldados livres,
 Já vencedores, porque á frente encárão
 O Raio de Mavorte;

A Cale fitão; desfraldado o panno
 Referve fofa espuma pelas prôas,
 Que o frio dorso vão rasgando a Thetis
 Soberba de tal pêzo:

São nas toldas himnos de victoria,
 Mas quando assôinão sobre a azul espalda,
 Mal distinctos de nuvens, os Zimborios
 De Cale Patriota

Quasi que vejo o Lusitano Alcides,
 Em pé no pôpa, trovejando ameaças
 Contra filhos do erro, e contra escravos
 Se não depõe as armas!

Durante o assedio da Cidade invicta
 Palido susto não lhe infia o rosto,
 Que em balde os bronzes tremibundos trôão
 Mil mortes vomitando.

Peleja d'homens contra homens Lusos,
 (Mas Lusos em grilhões!) se inda vacilla,
 Terceira vóa a decidir-lhe a sorte
 Em nova Aljubarrota.

Lá se arremeça, com a Gloria em braços,
 A ferro e fogo aos Campos Almadinos;
 Mas só co'a fama sua, e c'o seu nome
 Aos muros d'Ullisséa:

Hum grito, uma só voz alli resôa,
 — Terceira vencedor — depois mil vozes,
 — Viva Maria — surge a Liberdade
 Do calabouço horrivel.

Volve insoffrido d'Ullissea a Cale,
 Que novas palmas lhe prepara o Tamega,
 Feitos de Cesar, inclito, renova,
 Mal chega attenta e vence.

Menos fizestes Castros, Atahides,
 Nunos, Corrêas e do Elysio a entrada
 Abriu-se-vos patente; ao Grão Terceira
 Assento lá disponde.

Elle accumulalla feitos mil; ah! vede-o,
 Relampago veloz, varrer co'a espada
 D'hum extremo de Lysia a outro extremo
 Satelites do crime!

Roxos de sangue os campos d'Asseiceira,
 Finda co'a lucta porfiadas luctas;
 A virtude triunfa, Elisia he livre,
 He Nume o Heroe que a salva.

Por D. J. d'Azevedo.

Epistola. (a)

A Jonio.

O' Jonio, Jonio, que prazer no peito!
 Que dôce sensação m'enxuga o pranto!
 Entre sombras d'horror vivendo ha tempos,
 Quasi, quasi meu ser volvia ao nada,
 E a pouco e pouco definhando a vida

(a) Com esta Epistola, segundo do texto se conhecia, responde o A. a outra, que lhe foi dirigida por hum amigo seu, e que será inserida em o nosso Jornal, se n'isso o mesmo Sr. se dignar de consentir.

Em flor, Jonio, talvez descêra á campa;
 Mas tuas letras; mas teus versos puros,
 E mais puro do que elles esse fogo
 D'amizade, e sentir suave, e meigo
 Ousa roubar-me ás frias mãos da morte.
 Graças, graças a ti, que me retardas
 O momento fatal... Oh! quem podéra
 Pagar-te em dobro beneficio tanto;
 Ferir o peito d'essa ingrata Ulina,
 Por quem ardes, ó Jonio, e em vão suspiras,
 Mover-lhe o coração para a ternura,
 Ligar aos fados teus d'Ulina os fados.

Que suaves então meus dias forão!
 E que divo prazer tornar dous entes
 Mais felizes do que eu, e mais ditosos!
 Porém, Jonio, perdôa se não posso,
 Se affogado no peito hum voto expira,
 E juz á gratidão consigo apenas;
 Porque desejos meus tem juz a ella.

Eu ardo como tu, suspiro, e gêmo,
 Sou infeliz tambem, sou mais constante,
 E, longe da cruel, ind'hoje mesmo
 Me diz o coração, que adóro Armia.
 Insensato que sou! E que não possa
 Huma ingrata esquecer, riscar da idéa!

Se tu a vires, por piedade, ó Jonio,
 Dize-lhe ao menos que eu a adóro sempre;
 Que bate o coração com força incrível
 Traçando o nome seu co'a debil pluma,
 E que foi ella, quem no peito virgem
 Primeiro me accendeu d'amor a chamma.
 Isto lhe diz (se eu mereço tanto)
 Recompensa d'est'arte ao doce amigo
 D'amizade o fervor; talvez que um dia
 As sombras do Letheu rasguem meus versos,
 Minha Musa talvez entre no Templo,
 Que á Fama se consagra, e alli no bronze
 Teu nome gravarei por te ser grato,

„ Junto ao nome d'Armia, quaes no peito
„ A amizade, e amor nos tem gravado.

Por D. J. d'A.

A Julia. (a)

1.

Julia, tu hes feliz, tu hes ditosa,
Eu ditoso não sou, porém devêra
A ventura tambem ser minha herança,
Que ind'hoje o coração no intimo peito
Por ti, Julia, por ti batendo anceia,
Qual d'antes anceou, qual bateu d'antes.

2.

De ventura sem par, sem igual na Terra
Esse esposo, que tens, os Céos dotarão;
Ella suspiros fervidos me arranca,
Suffoca-los he lei, á lei me acurvo;
Porém, ó Julia, quantos ódios
Votára ao sposo teu se não te amasse!

3.

No momento de ver teu caro filho
Julguei que o coração, julguei que o peito
M'estalava de dor, de zelo, e raiva;
Mas quando os olhos me fitou sorrindo,
(Innocente sorrir!) então, ó Julia,
Pelo amor, e por ti cingi-o ao peito.

(a) A presente composição apparece no original, e na traducção Franceza de Mr. A. P. T. com a dedicatoria a — Maria — porém este nome, que aliás será talvez muito poetico no Idioma Inglez, não o seria com tudo em o nosso sem que primeiro, por assim dizer, o methamorphoseassemos por meio d'hum anagrama: julgamos por conseguinte mais acerto substitui-lo por aquelle de — Julia. —

4.
Hum abraço lhe dei, sondei-lhe o gesto,
E no gesto as feições do pai diviso;
Que sensação cruel! Que amargo instante!
O pranto reprimi. . . . Mas, Julia, Julia,
Os olhos do innocente erão teus olhos,
Eis quanto basta a amor, quanto me basta.

5.
He forçoso deixar-te. Adeus, ó Julia.
Em quanto almo prazer dourar teus dias
Queixumes não farei; mas eu não posso
Conservar-me a teu lado, e ver-te, e olhar-te
Que cêdo o coração sentira prezo,
Qual outr' hora o senti, d'amor em ferros.

6.
Pensei, Julia, pensei que orgulho, e tempo
Luctando contra amor tinhamo no peito
Extinguido a paixão da juventude.
Eu não soube por certo, ah! eu não soube,
Se não ao lado teu que o mesmo em tudo
Ind'era o coração menos na esp'rança.

7.
Tu me viste em socego, e eu quiz fingi-lo;
Porém o coração batia á pressa,
Que de teus olhos, Julia, se lembrava
Ter accete hum punhal! ó Céos! Mas hoje
Fôra hum crime o tremer, tremer não soube,
Nenhuma sensação pinteí no rosto.

8.
Tu fixas-te meu gesto, e não podeste
Nem commoções alli, nem sobressaltos
Pintados descobrir; porém que disse!
Hum sentimento havia, e tu podias
No rosto divisa-lo: era o que imprime
Da desesperação calma sombria.

Adeus, inda huma vez, adeus, ó Julia;
Esquecer-te convém, convém que á idéa
Roube o sonho feliz da juventude.
Desditoso de mim! Ah! onde existem
Fabuloso Letheu as vagas tuas?
Insano coração ou morre, ou géla.

*Lord Bijron. — Traduzido do Francez por D. J.
d'A.*

Euthanasia.

1.

Lá quando o tempo me trazer nas azas,
Ou tarde ou cedo, o somno de descanso,
Com que os olhos mortaes eternos cerra,
Possa o teu manto, Deus do esquecimento,
Docemente envolver-me o leito funebre.

2.

Hum amigo sequer alli não venha,
Nem de riquezas avidos herdeiros
O meu termo chorar, ou bem dize-lo.
Té d'alli fujão perfidas bellezas,
Co'as tranças soltas, simulando magoas,
Refalseados ais pedindo ao peito.

3.

Quero em silencio regressar ao nada,
Que nem anhelos por fingidos prantos,
Nem, nos extremos da existencia, quero
Enlutar o prazer do homem que vive,
Ou d'hum amigo meu ferir os seios.

4.

Porém se acaso amor poder n'est'hora
Reprimir, sopear o pranto inutil!
Amor! Oh! certo amor inda triunfa
A derradeira vez na que eu amava,
Na que me sobrevive, e em mim que expiro.

5.

E que doce me fôra, ó minha Julia,
 No derradeiro trance d'existencia
 Devisar-te sereno o rosto, o aspeito!
 N'esse instante cruel, talvez quem sabe?
 Talvez que a propria dor sorrisse ao ver-te!!!

6.

Mas, ó desejo vão! geme a belleza
 Ante a face da morte se de fito
 Lhe encára o terno amante, e os ais que exhala,
 Durante a vida, illusos nos conservão,
 D'ella no extremo, as forças nos quebrantão.

6.

Possa dos dias meus final o instante
 Correr na solidão longe a lamentos!
 Oh! se dentre os mortaes algum receia
 D'encarar co'a morte, he certo breve
 Foi para elle a dor, ou não sentida.

8.

E tanto peza a morte? A' morte todos
 Descêrão ante mim; após meu termo
 Todos hirão á morte; ella no seio
 Do nada nos sepulta, e eu la jazia
 Quando nasci á dor, nasci á vida.

9.

O' tu que existes, tu que hes ser, que hes homem,
 Tu que sentes a dor, a dor calcula,
 E calcula o prazer, depois confessa
 Que antes ao seio d'invisivel nada
 Desejas regressar, posto que existes. (a)

Lord Bijron. — Traduzido do Francez por D. J. A.

(a) O Leitor curioso de confrontar com os originaes as duas ultimas traducções que acabamos de transcrever póde consultar as obras de Lord Bijron traduzidas em Francez 5.^a Edição corrigida por A. P. T. Tom. 4.^o pag. 253, e 274.

ARTIGO. QUARTO.

Variedades.

O Somno do Perverso.

Moralidade Persa.

Durante o rigor da Estação calmosa passeava, hum dia, o Philosopho Sadi debaixo d'huma Alamêda de verdura, impenetravel aos raios do Sol. Sadi vio o injusto sobre a relva; elle dorme; — Grande Deos! exclama o Philosopho, como dorme descançado! A lembrança dos infelizes, que tem feito, não perturba o repouso do injusto! Sim, responde, huma voz desconhecida do mais recondito do bosque; para que tambem repouse o innocente concedem os Céos compadecidos o somno do perverso.

Tumulo de J. J. Rousseau.

Na Ilha dos Alamos, que faz parte dos bellos Jardins do Marquez de Girardim, a distancia de dez legoas de Paris, se vê sobre huma Colina artificial, pouco elevada o Tumulo saudoso do Philosopho de Genova. Sobre a pedra de marmore, que o cobre, se lêem as seguintes palavras:

*Aqui repousa
O homem da Natureza
E da Verdade.*

Os curiosos, que vão examinar este monumento, não se esquecem de contemplar nos mesmos sitios a pequena Cabana do Cidadão Genovez. Sobre a porta da entrada se descobrem, gravadas em huma pedra algum tanto escura pelos annos, as seguintes palavras.

— Só he livre aquelle, que não precisa empregar os braços d'outro para satisfazer sua vontade.

Sttaford no Patibulo.

Arundel Conde de Sttaford, Marechal hereditario d'Inglaterra, e chefe d'hum dos ramos da casa de Norfolk foi accusado falsamente, por hum Ministro da Igreja Anglicana, de haver conspirado contra a vida do Rei Carlos 2.^o Os Pares do Reino condemnárão Sttaford a ser decapitado. A Estação era invernosa, e o Marechal no momento de ouvir ler a sua sentença de morte, pediu que lhe trouxessem hum capote, dizendo para aquelles^a que o cercavão, ao ponto de marchar para o supplicio — Eu poderei tremer de frio; porém nunca o Marechal Sttaford se verá tremer de susto.

O Guerreiro maneatado.

O Marechal de Marillac, que durante as guerras da Liga se havia tornado illustre por acções as mais distinctas de bravura, e que durante a campanha da Italia fizera serviços esclarecidos no Reinado de Luiz 13, foi accusado, por alguns inimigos seus, de haver attentado contra os dias do Cardeal de Richelieu. O Ministro vingativo pediu a sua cabeça: foi necessario apresentar-lha, e o Marechal de Marillac sobrecarregado de feridas, e de quarenta annos de serviço, he condemnado pela Commissão a subir as escadas do Patibulo.

Dizendo-lhe o Cavalleiro du Guet, que o acompanhou até ao cadafalso, no momento em que o Algoz acabava de maneatar-lhe os pulsos — Senhor! Quanta magoa tenho de vos ver assim maneatado! — Tende magoa do Rei, e não de mim. — Respondeu o Marechal com altivez. Resposta nobre, e aguda sobre a qual he preciso reflectir para haver de poder descobrir-lhe o merecimento.